



O TRAÇADO DA VIA ROMANA *BRACARA - ASTURICA*, POR *AQUAE FLAVIAE*, NO CONCELHO DE Boticas



RELATÓRIO

Luís Fontes e Francisco Andrade

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 24, 2012

Ficha Técnica

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**
Avenida Central, 39
P 4710-228 Braga

Direcção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2012**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço electrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

Título: O TRAÇADO DA VIA ROMANA BRACARA – ASTURICA, POR AQUAE FLAVIAE, NO CONCELHO DE BOTICAS. RELATÓRIO.

Autor: LUÍS FONTES e FRANCISCO ANDRADE



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.º 24

2012

O TRAÇADO DA VIA ROMANA *BRACARA - ASTURICA, POR AQUAE FLAVIAE*, NO CONCELHO DE BOTICAS

RELATÓRIO

Luis Fontes e Francisco Andrade

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
2005

Os responsáveis do estudo reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Diretiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

O presente relatório foi elaborado para informar os trabalhos de limpeza da via antiga no concelho de Boticas, no âmbito do projeto “Vias Augustas”.

Índice

1. Introdução

2. Metodologias

3. Descrição e análise de dados

4. Proposta de traçado

5. Conclusões e recomendações

6. Bibliografia

7. Anexos

7.1 Fotografias

7.2 Figuras

1. Introdução

Em paralelo com a execução da revisão do inventário do património arqueológico, solicitada pelo Município de Boticas à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, para efeitos de revisão do Plano Director Municipal, entendeu a autarquia solicitar também a realização do estudo do traçado principal, no território de Boticas, da via romana que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta*, por *Aquae Flaviae*, dando assim satisfação aos compromissos do município de Boticas relativamente à limpeza e sinalização do traçado da via, no âmbito da sua parceria no projecto “Vias Augustas”.

Sob a supervisão do Arqueólogo Luís Fernando de Oliveira Fontes, assessor da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, os trabalhos foram realizados pelo Arqueólogo Francisco José Silva de Andrade, colaborador da UAUM e co-responsável pelo estudo, que contou com a colaboração da Arqueóloga Carla Alexandra Afonso de Carvalho, de José Abraão Pires, motorista da UAUM e de Arnaldo Machado, ex. funcionário da Câmara Municipal de Boticas.

Autorizados pelo Instituto Português de Arqueologia (ofício n.º 03996, ref. 2004/1(551), de 30.03.05), os trabalhos decorreram entre Novembro de 2004 e Março de 2005.

São os resultados desse estudo que se apresentam neste Relatório, seguindo-se a este capítulo introdutório um segundo relativo à metodologia do trabalho, outro com a análise crítica dos dados recolhidos, um quarto com a proposta de restituição do traçado principal da via, um quinto com conclusões e recomendações e em sexto lugar a lista da bibliografia de referência. Em Anexos apresenta-se a documentação fotográfica e cartográfica.

2. Metodologia

Para a recolha de dados seguiram-se dois procedimentos: pesquisa bibliográfica e documental e prospecção de terreno.

Procurou recolher-se a produção bibliográfica relativa ao traçado da via antiga Braga / Chaves, organizando-se um dossiê com todas as referências ao traçado da via romana no concelho de Boticas.

Relativamente à documentação, consultaram-se as “Inquirições” do século XIII e as “Memórias Paroquiais” de 1758, com o objectivo de identificar referências directas e/ou indirectas à existência de uma via antiga no território de Boticas, a qual pudesse corresponder à ligação entre Braga e Chaves.

Consultamos também cartografia histórica, designadamente a folha 5 da Carta de Portugal de 1899, à escala 1:100000.

Com base numa primeira implantação cartográfica das referências identificadas na bibliografia e na documentação, implantação feita sobre cartografia corográfica à escala 1:25000 (CMP – fls. 33 e 46) e ortofotomapas à escala 1:10000, efectuaram-se reconhecimentos e prospecções de campo, através das quais se procurou confirmar a informação previamente recolhida e identificar com detalhe o traçado da via, assinalando todos os vestígios que pudessem correlacionar-se com a sua existência (povoados, pontes, pontões, alminhas, capelas e topónimos).

O estudo abrangeu apenas a zona inicial da bacia do rio Terva (freguesias de Ardãos, Bobadela e Sapiãos), por onde a maioria dos estudiosos estabelece a

passagem principal da via, com base no seu bem documentado percurso na zona de Arcos e portela do Pindo, no limite nascente do concelho de Montalegre.

Alguns autores admitem também a existência de uma variante meridional, que cruzaria a zona central da bacia do Terva, dirigindo-se a Alturas do Barroso, variante esta que não consideramos para efeito deste estudo, por não corresponder ao traçado principal, embora admitamos que o território fosse servido por uma importante rede viária secundária.

No decurso dos trabalhos de campo exploraram-se também as fontes orais, recolhendo-se informações directamente dos moradores mais idosos, nas proximidades dos arqueossítios e nas povoações.

No que concerne à análise dos dados documentais e bibliográficos, procedemos à sua leitura crítica, da qual resultou a selecção de excertos e de estudos de referência para confronto com a nossa análise.

Relativamente à análise dos dados arqueológicos, consideramos fundamental proceder a uma leitura diacrónica de longa duração, para identificar as diversas estruturas de povoamento e respectivas redes viárias associadas que se organizaram no território em estudo. Nesta perspectiva, tivemos em consideração, para além das características específicas da topografia, a proximidade do eventual traçado em relação a povoados pré-romanos, romanos e medievais.

Para validação da localização dos miliários referenciados, os traçados considerados foram rigorosamente medidos com AutoCAD sobre a cartografia 1:25000, assinalando-se as respectivas milhas a contar de *Bracara Augusta* e de *Aquae Flaviae*.

3. Descrição e análise de dados

Do trabalho realizado resultou o agrupamento dos dados em quatro grandes conjuntos, a saber: arqueológicos, documentais, orais e historiográficos. Destacam-se, entre todos, os dados arqueológicos, nos quais releva a identificação de novos arqueossítios e a leitura crítica dos dados historiográficos, que permitiu eliminar alguns erros antigos, possibilitando, uns e outros, uma mais fundamentada proposta de restituição do traçado original da via antiga *Bracara – Asturicam* no concelho de Boticas.

Dados arqueológicos (Fig. 2)

Nota preliminar: a listagem dos arqueossítios que a seguir se apresenta foi extraída da base de dados do inventário do património arqueológico de Boticas, recentemente revisto. Das respectivas fichas, seleccionaram-se apenas os campos considerados necessários à identificação, localização e caracterização dos arqueossítios. Quando não se indica bibliografia, significa que não se conhece qualquer referência publicada, pelo que a sua identificação neste trabalho deve ser considerada como inédita. Nas referências bibliográficas, indica-se com asterisco a bibliografia não consultada, mas referida noutros inventários.

Sítio 1 Povoado de Carregal/ Poço das Freitas

Freguesia Bobadela

Longitude 616,55 Latitude 4621,75 Altitude 540

Descrição Localizado entre a ribeira do Calvão e a corga do Videeiro, no cimo de um pequeno outeiro, na zona inicial do vale do rio Terva. Embora não se tenham detectado estruturas de relevo à superfície, encontram-se inúmeros elementos pétreos afeiçoados, parecendo alguns deles indiciar alguns alinhamentos. Foram detectados fragmentos de *tegulae*.

Interpretação Considerando a proximidade com as minas antigas do Poço das Freitas, julgamos que se tratará de um habitat associado à exploração mineira.

Bibliografia Fontes 1992; Amaral 1993; Teixeira 1996

Sítio 2 **Senhora das Neves/ Povo de Paredes**

Freguesia Ardãos

Longitude 618,15 Latitude 4622,75 Altitude 540

Descrição Nos campos adjacentes à capela da Senhora das Neves, que poderá ter sido um templo de fundação medieval, perto da confluência das ribeiras de Calvão e de Cunhas, identificou-se um habitat romano. Foram detectados fragmentos de *tegulae*, dispersos por uma área de cerca de 1 ha. É notório o reaproveitamento de elementos pétreos nos muros que delimitam os terrenos adjacentes à capela. Assinale-se a identificação de uma mó movente num dos muros anteriormente referidos.

Descrição A existência de *tegulae* sugere a existência de uma ocupação anterior, de origem romana. Considerando a recente descoberta, nas proximidades, do grande povoado do Alto da Ribeira, deverá admitir-se a possibilidade de este sítio poder correlacionar-se com aquele, vindo a ser posteriormente cristianizado com a construção da capela. Martins 1984 e Silva 1986, classificaram este sítio erroneamente como castro.

Referências Bibliográficas Guerra 1911; Martins 1984a; Silva 1986; Fontes 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000

Sítio 11 **Castro do Brejo/ Cidadonha**

Freguesia Bobadela

Longitude 614,5 Latitude 4621,75 Altitude 660

Descrição Num esporão, no sopé da vertente este da Serra do Leiranco, localiza-se um pequeno povoado fortificado. É visível uma muralha circundante, com menos de 1 ha de perímetro, que devido a estar muito destruída, se configura quase como simples alinhamento. Conservam-se pequenos tramos de elementos do alicerce, que é constituído por aparelho ciclópico, encostado em diversos pontos à penedia existente. Foram encontrados raros fragmentos de cerâmica micácea indígena.

Interpretação Povoado fortificado cuja ocupação, com base nos achados referenciados, se estende por um vasto período, abarcando a Idade do Bronze,

Idade do Ferro e o período romano. Esta cronologia é atestada pela cerâmica manual, micácea indígena e fragmentos de *tegulae* (Fontes 1992), um machado de bronze e outro de pedra polida (dolerite) (Júnior et alii 1986), bem como o achado de moedas, uma roca de metal e um machado de bronze de dupla aselha (Júnior et alii 1983).

Referências Bibliográficas Cardozo 1954; Júnior 1981; Guerra 1911; Júnior et alii 1983; Martins 1984 a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; * Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Silva e Centeno 2000

Sítio 15 **Povoado do Alto da Ribeira**

Freguesia Ardãos

Longitude 619 Latitude 4623,4 Altitude 550

Descrição Nos terrenos adjacentes ao local com o topónimo de Alto da Ribeira, perto da ribeira do Calvão, identificou-se o que parece ser um povoado romano de grandes dimensões, que abarcaria uma área de cerca de 4 há. É notório o reaproveitamento de elementos arquitectónicos nos muros que delimitam as propriedades existentes na zona, dos dois lados do estradão que passa paralelo à ribeira do Calvão. Foram identificados inúmeros fragmentos de *tegulae* e *ímbrice*, referenciando-se ainda o achado de fragmentos de *sigilata* e fustes de coluna.

Interpretação Ocupação romana, sem que se consiga estabelecer a tipologia do aglomerado, constatando-se apenas a sua grande dimensão. Ricardo Teixeira (1996), que lhe dá o nome de Susana, recolheu aí *sigilatas* dos séc I-II e admite que este local possa corresponder a uma vila. Nas suas proximidades, a norte, passaria a via romana *Bracara a Asturica* (via XVII).

Referências Bibliográficas Teixeira 1996; Capela e Borrageiro 2001

Sítio 16 **Poço das Freitas**

Freguesia Bobadela

Longitude 616,95 Latitude 4622,65 Altitude 540

Descrição Entre os ribeiros do Calvão e do Videeiro, são perceptíveis vestígios de grandes escavações a céu aberto, num eixo preferencialmente direccionado no sentido N/S, abarcando uma área de cerca de 70 ha. São igualmente evidentes entradas de galerias antigas com rasgos interiores para suporte de vigamentos ou escoras. Uma das zonas de exploração ficou alagada, tornando-se numa lagoa, que terá inspirado o nome do local “poço das Freitas”.

Interpretação Exploração aurífera de grandes dimensões, que terá estado em actividade por um vasto período, nomeadamente no período romano, medieval e moderno. Admite-se também que possa ter conhecido uma exploração na Proto-História. A zona de extracção abarca uma área que se prolonga no sentido N/S cerca de 1 Km e cerca de 800m no sentido Este-Oeste, sendo constituída por inúmeras cortas mineiras, galerias e escombreciras. Juntamente com as minas de Batocas, do brejo e de Sapelos, integrariam o grande complexo mineiro do vale inicial do rio Terva. De acordo com informações orais, algumas das galerias poderão ser recentes.

Referências Bibliográficas Argote 1732-47; Figueiredo 1892; Azevedo 1896; *Dias 1903; Teixeira 1939; Cardozo 1954; Costa 1968; Guerra 1982; *Domerge 1987; Alarcão 1988; *Martins 1989; *Domerge 1990; Fontes 1992; Teixeira 1996; Capela e Borrageiro 2001

Sítio 17 **Minas de Batocas**

Freguesia Ardãos

Longitude 616,6

Latitude 4623,9

Altitude 560

Descrição Numa zona ocupada por um denso bosque de Carvalhos, entre as ribeiras de Ardãos e da Sangrinheira, localiza-se uma extracção mineira designada de Batocas. Incide sobre um pequeno outeiro, na sua totalidade ocupado por cortas de mineração. Segundo o inventário do IPA, esta teria dimensões de cerca de 550m no sentido N/S e cerca de 260m no sentido E/O, abarcando uma área de cerca de 17 ha. A densidade da vegetação impediu a medição rigorosa da área, mas a observação da cartografia e da fotografia aérea proporcionaram medidas

aproximadas. Também não se conseguiram recolher quaisquer materiais de superfície. Identificou-se um alinhamento de pedras sobreposto por um muro, sem que se consiga determinar a sua funcionalidade.

Interpretação Exploração mineira (aurífera) romana a céu aberto, que está inserida no grande complexo mineiro do vale inicial do rio Terva.

Referências Bibliográficas Azevedo 1896; Guerra 1911; *Martins 1989; Capela e Borrageiro 2001

Sítio 18 Castro do Muro de Cunhas

Freguesia Ardãos

Longitude 618,15 **Latitude** 4625,1 **Altitude** 700

Descrição Situado num promontório de morfologia cónica, perto de Seara Velha, no limite dos concelhos de Boticas e Chaves. O povoado tem duas linhas de muralhas, de aparelho poligonal irregular, que apresentam um acentuado derrube. O sistema de defesa é complementado por um campo de pedras fincadas, localizado na vertente Norte do povoado. Na plataforma superior, identificaram-se vestígios notórios de uma habitação de planta sub circular, bem como evidentes vestígios de blocos afeiçoados que teriam feito parte de outras habitações. O povoado estende-se por uma área de cerca de 1 ha. Foram detectados raros fragmentos de cerâmica micácea indígena.

Interpretação Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

Referências Bibliográficas Azevedo 1896; Guerra 1911; Martins 1984 a; *Martins 1984 b; Martins 1985; Júnior et alii 1986; Silva 1986; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Redentor 2000; Silva e Centeno 2000; Capela e Borrageiro 2001; Redentor 2003

Sítio 20 Minas de Sapelos

Longitude 616,2 **Latitude** 4620,3 **Altitude** 520

Descrição No promontório onde está situado o castro de Sapelos, estendendo-se desde os fossos do povoado até à zona sobranceira à estrada N103, identificam-se enormes cortas alongadas. Na banda nascente do relevo também parece existirem cortas mineiras, já muito próximo do povoado, abrangendo o conjunto, uma área de cerca de 7 ha. As cortas chegam a ter 3 metros de profundidade. Não foi recolhido qualquer tipo de cerâmica.

Interpretação Exploração mineira (aurífera) a céu aberto, que se integra no grande complexo mineiro do vale inicial do rio Terva. Por vezes as cortas mineiras são confundidas com o sistema defensivo do castro de Sapelos, pois sobrepõe-se parcialmente aos fossos deste.

Referências Bibliográficas

Sítio 21 **Castro de Sapelos**

Freguesia Sapiãos

Longitude 616,25 Latitude 4619,2 Altitude 610

Descrição: Num promontório em esporão alongado, sobre a margem esquerda do rio Terva, identificaram-se duas linhas de muralha, constituídas por elementos de granito e quartzito, que delimitam uma área de aproximadamente 3 ha. O local apresenta dois grandes fossos circundantes. No patamar superior encontram-se incipientes vestígios de habitações. A densa vegetação dificultou a recolha de cerâmica à superfície.

Interpretação Trata-se de um povoado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Este local terá tido um povoamento romano, que terá sido abandonado fruto da exploração mineira que se desenvolveu de forma intrusiva, relativamente a ele. A existência de cortas de extracção mineira, gera uma certa confusão interpretativa, na medida em que se cruzam com o sistema de fossos.

Referências Bibliográficas Azevedo 1899-1900; Vasconcellos 1913; Montalvão 1971; Júnior 1982; Júnior et alii 1983; Martins 1984 a; Silva 1986; Centeno 1987;

*Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000

Sítio 22 **Castro da Nogueira**

Freguesia Bobadela

Longitude 613,75 Latitude 4622,55 Altitude 910

Descrição Num esporão da vertente SE da serra do Leiranco, em posição proeminente e com boas condições naturais de defesa, identifica-se um sistema defensivo constituído por duas linhas de muralha. A mais elevada, que é também a melhor conservada, abarca a plataforma superior, que configura uma espécie de acrópole. A segunda linha, mais baixa, menos perceptível, apresenta derrubes intensos. O povoado abarcará uma área de cerca de 2 ha. Foram identificadas inúmera cerâmica micácea indígena e comum romana. Na zona onde o acesso é mais fácil, na vertente NO, situa-se um campo de pedras fincadas, na sua grande maioria tombadas.

Interpretação Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Apresenta indícios de romanização.

Referências Bibliográficas Sampaio 1929; Pina 1942; Kalb 1980; Cortez 1949; Júnior 1982; Martins 1984 a; Ponte 1984; Júnior et alii 1986; Silva 1986; Júnior 1989; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Redentor 2000; Silva e Centeno 2000; Redentor 2003

Sítio 23 **Castro da Malhó**

Freguesia Ardãos

Longitude 614,5 Latitude 4624 Altitude 680

Descrição Num outeiro sobranceiro à ribeira do Ferrugento, a sudoeste da aldeia de Ardãos, identificam-se três linhas de muralha, sendo de destacar, pelo estado de conservação, a que se situa no patamar mais elevado, perto do cume. Estes três panos de muralha são mais facilmente identificáveis na encosta Sudoeste e Este, sendo aqui também que se identificam restos de habitações. Na encosta Oeste

identificam-se vestígios do que parece ter sido um campo de pedras fincadas. O povoado abarca uma área de cerca de 1 ha.

Interpretação Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

Referências Bibliográficas Azevedo 1896; Guerra 1982; Martins 1984a, Júnior et alii 1986; Silva 1986; Júnior 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Silva Centeno 2000; Capela e Borrageiro 2001

Sítio 24 **Castro da Murada da Gorda**

Freguesia Ardãos

Longitude 614,65 Latitude 4625,1 Altitude 700

Descrição Na Serra do Pindo, sobranceiro à ribeira das Cerdeirinhas, identifica-se um povoado fortificado com uma área de cerca de 1ha. O sistema defensivo é constituído por uma linha de muralhas, percebendo-se pequenos troços que terminam na abundante penedia. Na zona NO do povoado existe um fosso que se encontra bastante entulhado. Também no lado ocidental, na zona mais a Sul, foi identificada uma pequena muralha que parece configurar uma espécie de talude/trincheira, protegendo esta zona mais acessível. É de destacar a ampla visibilidade sobre a paisagem. Não foram identificados vestígios de construções no patamar interior do recinto. Não foi recolhida cerâmica.

Interpretação Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro. Não apresenta indícios de romanização.

Referências Bibliográficas Azevedo 1896; Guerra 1911; Júnior et alii 1983; Martins 1984 a; Silva 1986, *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000; Capela e Borrageiro 2001

Sítio 25 **Capela de S. Lourenço**

Freguesia Bobadela

Longitude 614,85 Latitude 4621 Altitude 610

Descrição Na capela de S. Lourenço, na aldeia de Bobadela, identificou-se uma ara em granito, apresentando uma inscrição bastante erodida. A cavidade do fóculo apresenta-se bastante alargada.

Interpretação Tratar-se-á de uma ara votiva, que tem sido interpretada como dedicada a Júpiter. Poderá indiciar a presença de um povoado romano nas proximidades. O alargamento do fóculo poderá ter decorrido da sua reutilização como pia de abluções.

Referências Bibliográficas Rodríguez Colmenero 1987; Fontes 1978; Martins 1984 a; *Martins 1984 c; Martins 1989; Fontes 1992; Teixeira 1996; Rodríguez Colmenero et alii 1997

Sítio 27 **Castro do Muro ou Cerca (Sapelos)**

Freguesia Sapiãos

Longitude 617,8 Latitude 4622,1 Altitude 570

Descrição Num esporão, sobranceiro à ribeira do Calvão, conserva-se uma muralha que circunda o topo do relevo, apresentando uma plataforma aproximadamente elíptica. Esta corre quase sempre paralela a um fosso, visível apenas na zona mais a Sul do povoado. Na zona Este, apenas se identifica uma ténue depressão. Na zona SO, identifica-se um segundo troço de muralhas de pedra quartzítica que serviria de reforço nesta zona mais desprotegida, estendendo-se por toda a zona Sul e abarcando toda a elevação. No patamar superior, foram identificadas algumas pedras afeiçoadas, todavia, não são perceptíveis vestígios notórios de habitações. Também a segunda muralha seria reforçada por um fosso, todavia este encontrar-se-á entulhado. O conjunto abarca uma área de cerca de 1 ha. Não foram recolhidos materiais à superfície.

Interpretação Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização

Referências Bibliográficas Azevedo 1896; Guerra 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; Martins 1989; Fontes 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000

Sítio 28 **Padrão / Lapada (ou Lapavale)**

Freguesia: Ardãos

Longitude: 618,25 Latitude: 4621,95 Altitude: 600

Descrição Fuste cilíndrico no qual foi escavado um sarcófago antropomórfico, recolhido a cerca de 80 metros do caminho de acesso a propriedades junto à zona cujo topónimo é de Lapavale, muito próximo da região com o topónimo de Padrão, e depositado no Museu da Região Flaviense. Percebem-se restos de inscrição.

Interpretação Miliário pertencente à via romana que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta* por *Aquae Flaviae*. Foi reaproveitado como sarcófago de tipologia medieval. Apresenta a seguinte inscrição: IMP (eratori) CAE|s (ari)/AUGUS|O| A| BRAC|ARA M.P.|LXV. Como está mesmo no limite de freguesias de Ardãos e Sapiãos, deve admitir-se que terá servido, em algum tempo, como marco de limite de freguesias. De acordo com informações orais de Francisco Hilário de Bobadela, esta “pedra do caixão” já esteve junto à ribeira do Calvão, em frente à capela de nossa Senhora da Neves e era frequente movimentá-la de um local para o outro.

Referências Bibliográficas *Cardozo 1943; Barradas 1956; Tranoy 1981; *Martins 1982; Rodríguez Colmenero 1987; Alarcão 1988; *Martins 1989; Baptista 1990; Teixeira 1996; Rodríguez Colmenero et alii 1997; Lemos 2000

Sítio 30 **Mina do Brejo**

Freguesia Bobadela

Longitude 614,65 Latitude 4621,6 Altitude 600

Descrição A Nordeste da aldeia de Bobadela, perto do caminho florestal que dá acesso à casa do guarda, identificaram-se várias cortas mineiras de exploração a céu aberto, com orientação SO/NE, N/S, E/O. Os vestígios abarcam uma vasta área, de aproximadamente 13 ha, que vai desde perto da aldeia de Bobadela até às proximidades do Castro do Brejo e à ribeira do Brejo, chegando a passar a estrada que liga Bobadela a Nogueira, para Este. Junto ao estradão florestal, uma das

cortas encontra-se cheia de água, sendo denominada de lagoa do Brejo, foi identificado um grande muro, com mais de 1m de largura, que também poderá correlacionar-se com a extracção de minério.

Interpretação Zona de mineração Romana, integrada no complexo que abarca toda a zona do vale do rio Terva.

Referências Bibliográficas

Sítio 32 **Caminho de Ardãos**

Freguesia Ardãos

Longitude 1 613,65 Latitude 1 4625,25 Altitude 1 730

Longitude 2 615,25 Latitude 2 4624,85 Altitude 2 600

Descrição Entre a Portela do Pindo (Arcos/ Montalegre) e Ardãos, conservam-se vestígios de pavimentos lajeados e marcas de rodados correspondentes a um antigo caminho, a par do actual estradão de terra batida, que o sobrepõe parcialmente. Na zona da Fraga do Fogo, um pouco abaixo do estradão actual e numa extensão considerável, observam-se inúmeras marcas de rodados, com sulcos muito profundos. Nas proximidades conserva-se um troço de calçada, sem marcas de rodados.

Interpretação Caminho que se admite corresponder ao traçado da via romana que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta*, por *Aquae Flaviae*, porque prolonga o troço de Pindo, vindo de Arcos, onde está bem documentada por miliários.

Referências Bibliográficas Barradas 1956; Montalvão 1971 b; Baptista 1990; Teixeira 1996; Lemos 2000; Alarcão 2004

Sítio 33 **Caminho da Sangrinheira, Sr. do Bonfim**

Freguesia: Ardãos

Longitude 1 617,15 Latitude 1 4624,15 Altitude 1 580

Longitude 2 617,55 Latitude 2 4624,55 Altitude 2 610

Descrição Depois de Ardãos, no sentido de Seara Velha, perto da zona com topónimo Sangrinheira, depois da ribeira da Sangrinheira, conserva-se um caminho

que passa entre propriedades agrícolas, ladeado pelos muros das mesmas. Numa zona de pequena subida, encontra-se um troço de calçada bem conservado, sem quaisquer vestígios de rodados. Pouco depois de terminar este troço de calçada, segue-se um caminho em terra batida. Em alguns afloramentos rochosos, notam-se algumas marcas de desgaste. Este troço termina junto ao Sr. do Bonfim, prolongando-se depois sob a estrada 527.

Interpretação Caminho que se admite corresponder ao antigo traçado da via romana que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta*, passando por *Aquae Flaviae*.

Referências Bibliográficas Barradas 1956; Montalvão 1971 b; Baptista 1990; Teixeira 1996; Lemos 2000; Alarcão 2004; Rodríguez Colmenero et alii 2004

Sítio 34 **Caminho do Fragão do Fôjo**

Freguesia: Ardãos

Longitude 1 617,75 Latitude 1 4624,3 Altitude 1 610

Longitude 2 618,35 Latitude 2 46324,45 Altitude 2 620

Descrição Depois do Senhor do Bonfim, junto ao topónimo Fragão do Fôjo, conserva-se um caminho que passa em terrenos agrícolas, em estradão de terra batida, contornando uns pequenos promontórios a aproximadamente meia encosta. Este caminho prossegue pelo concelho de Chaves, ligando já aí à estrada 527. Nas proximidades do caminho, foi identificado um marco divisório do concelho. Nas zonas mais baixas os terrenos são um puco alagadiços.

Interpretação Caminho que se admite corresponder ao antigo traçado da via romana que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta*, por *Aquae Flaviae*.

Referências Bibliográficas: Barradas 1956; Montalvão 1971 b; Baptista 1990; Teixeira 1996; Lemos 2000; Alarcão 2004; Rodríguez Colmenero et alii 2004

Sítio 35 **Caminho por Malhó**

Freguesia Ardãos/ Bobadela

Longitude 1 613,4 Latitude 1 4624,85 Altitude 1 750

Longitude 2 615,55 **Latitude 2** 4623,2 **Altitude 2** 560

Descrição Desde a portela do Pindo (Arcos/ Montalegre), descendo pela vertente SE da Serra do Leiranco, conserva-se uma plataforma bem definida, com largura aproximada de 4 m, no seu troço inicial recoberta com matos densos que impedem a sua circulação. Prosseguindo na descida da vertente, pouco antes de chegar à Malhó, identifica-se novamente este patamar, sendo evidentes os vestígios de desgaste dos rodados. Continua no sentido SO, até chegar a uma zona de propriedades privadas, sendo aqui difícil de seguir o caminho, devido ao facto de os terrenos serem muito alagadiços e a vegetação ser muito densa. Reencontra-se o traçado novamente no sopé do castro da Malhó, observando-se marcas de desgaste na rocha. Atravessa propriedades privadas, numa zona onde houve corte recente de árvores, seguindo sempre no sentido SO. Faz depois uma descida mais acentuada do que no restante percurso, passando por propriedades agrícolas, até se interromper junto a uma casa isolada, à margem da estrada Nogueira/Ardãos.

Interpretação Via antiga, provavelmente correspondente à *viam* referida nas Inquirições de 1258 como ligando Arcos a Bobadela.

Referências Bibliográficas: INQ.1258; Rodríguez Colmenero et alii 2004

Sítio 36 Caminho por ribeira do Videiro e do Calvão

Freguesia Bobadela/ Sapiãos

Longitude 1 615,55 **Latitude 1** 4623,2 **Altitude 1** 560

Longitude 2 616,35 **Latitude 2** 4621,45 **Altitude 2** 530

Descrição Caminho antigo que atravessa a bacia do rio Terva, aqui ao longo da ribeira do Videiro, paralela ao poço das Freitas. Presentemente já não se conservam muitas marcas de rodados, excepto num pequeno troço, antes de chegar à zona denominada de Giraldo. A partir desta zona, já não se encontram mais vestígios de rodados, encontrando-se o caminho em terra batida. Nos dois cruzamentos de caminhos que se seguem, encontram-se três alminhas, uma no primeiro cruzamento, e duas no entroncamento junto ao pontão que atravessa a

ribeira do Calvão. Nesta zona está em construção uma ponte para servir a estrada alcatroada que estabelecerá a ligação Sapelos/Nogueira.

Interpretação Traçado que se admite corresponder a um antigo traçado de via romana, que ligaria a zona mineira de Bobadela a *Aquae Flaviae*.

Referências Bibliográficas Teixeira 1996; Rodríguez Colmenero et alii 2004

Sítio 37 **Caminho da Carvalhosa/ Sapelos**

Freguesia Sapiãos

Longitude 1 616,65 Latitude 1 4620,7 Altitude 1 520

Longitude 2 616,55 Latitude 2 4620,35 Altitude 2 530

Descrição A Sul da estrada que estabelece ligação entre Sapelos e Bobadela, e a Norte da aldeia de Sapelos, na zona do vale do rio Terva, conserva-se um caminho em terra batida, ladeado pelos muros das propriedades adjacentes. Não foram identificados quaisquer vestígios de rodados ou desgaste. Todo o traçado se estende por uma zona bastante plana, sendo a pendente bastante reduzida.

Interpretação Traçado que se admite corresponder a antiga via romana que servisse a zona mineira da bacia inicial do Terva, ligando a *Aquae Flaviae*. **Referências Bibliográficas** Teixeira 1996; Rodríguez Colmenero et alii 2004

Sítio 38 **Ara de Sapelos**

Freguesia Sapiãos

Longitude 616,55 Latitude 4620,15 Altitude 550

Descrição A bibliografia regista a existência de uma ara votiva em granito, na capela da aldeia de Sapelos. Alguns moradores referiram que estava colocada junto à ombreira da porta principal. Foi inicialmente recolhida para o Museu da Região flaviense e posteriormente trasladada para o Museu Rural de Boticas, onde se encontra depositada. No topo apresenta uma cavidade profunda. Está epigrafada numa das faces, lendo-se I(ovi) O(ptimo) M(aximo).

Interpretação Trata-se de uma ara votiva romana, dedicada ao deus Júpiter, que terá sido reaproveitada como pia de abluções, facto atestado pelo aumento

considerável da cavidade do fóculo. Será proveniente de um povoado das proximidades.

Referências Bibliográficas *Martins 1984c; Rodriguez Colmenero 1987; Garcia 1988-1991; *Martins 1989; Fontes 1992; Teixeira 1996; *Rodríguez Colmenero et alii 1997.

Sítio 39 **Caminho da Senhora dos Milagres**

Freguesia Sapiãos

Longitude 1 617,45 Latitude 1 4620,75 Altitude 1 600

Longitude 2 617,5 Latitude 2 4620,55 Altitude 2 600

Descrição Depois de chegar à capela da Sra. dos Milagres, perto do limite do concelho com Chaves, há um caminho de terra batida que atravessa diversas propriedades agrícolas. Os muros limítrofes das propriedades ladeiam o caminho. Não foram identificados quaisquer vestígios de calçada ou rodados. O caminho de Boticas mantém aproximadamente a mesma cota, continuando por chaves por um suave declive em direcção a Redondelo.

Interpretação Traçado que se admite corresponder a antiga via romana que servisse a zona mineira da bacia inicial do Terva, ligando a *Aquae Flaviae*. **Referências Bibliográficas** Teixeira 1996; Rodríguez Colmenero et alii.

Do conjunto dos dados arqueológicos acima inventariados, destacam-se os 7 povoados fortificados proto-históricos (sítios 11, 18, 21, 22, 23, 24 e 27), distribuídos pelas bordaduras da bacia inicial do rio Terva, numa densidade de ocupação única no Noroeste português.

A esta densidade de povoamento haveria de corresponder uma rede de comunicações igualmente densa, de carácter local, mas não se conhecem vestígios

que possam identificar-se com essa rede. Haveria também ligações regionais, designadamente com as grandes manchas de povoamento ‘castrejo’ da veiga de Chaves, do planalto de Montalegre e da igualmente importante zona mineira do baixo-Beça e médio-Tâmega, onde sobressai o povoado fortificado do Lezenho, indubitavelmente um lugar central no quadro do povoamento proto-histórico da região.

A existência de tão elevado número de povoados não pode deixar de correlacionar-se com a exploração dos filões auríferos da bacia do Terva, exploração igualmente documentada em época romana, como confirmam os 4 sítios de lavra mineira antiga (sítios 16, 17, 20 e 30), a “romanização” de 3 dos castros (sítios 11, 21 e 22) e, especialmente, a fundação de 3 povoados em pleno vale (sítios 1, 2 e 15). Refiram-se ainda o achado de um miliário (achado 28), atribuível a Augusto, e de duas aras dedicadas a Júpiter (achados 25 e 38), confirmando a presença romana nos primeiros séculos da nossa Era.

Quanto aos vestígios de traçados de vias antigas, identificam-se troços mais ou menos extensos dispersos por toda a bacia, ligando as povoações entre si e servindo os campos agrícolas da veiga ou as zonas de matos nas vertentes. Para efeitos do nosso estudo, consideramos apenas aqueles que apresentam características construtivas e topográficas que aceitam a sua inclusão na tipologia viária romana, progredindo sem declives acentuados e que possibilitam estabelecer uma ligação coerente entre a portela do Pindo e Chaves.

Definiram-se, assim, dois traçados possíveis: um pela bordadura setentrional da bacia do Terva, descendo da portela do Pindo a Ardãos e daqui a Seara Velha, pelo Senhor do Bonfim, em direcção a Soutelo (sítios 32, 33 e 34); o outro cruzando a bacia pelo vale, descendo da portela do Pindo à Malhó, prosseguindo em direcção à ribeira do Videiro, continuando para Sul até atravessar a ribeira do

Calvão na Carvalhosa e depois subindo ligeiramente por Sapelos e Senhora dos Milagres, em direcção a Redondelo (sítios 35, 36, 37 e 39).

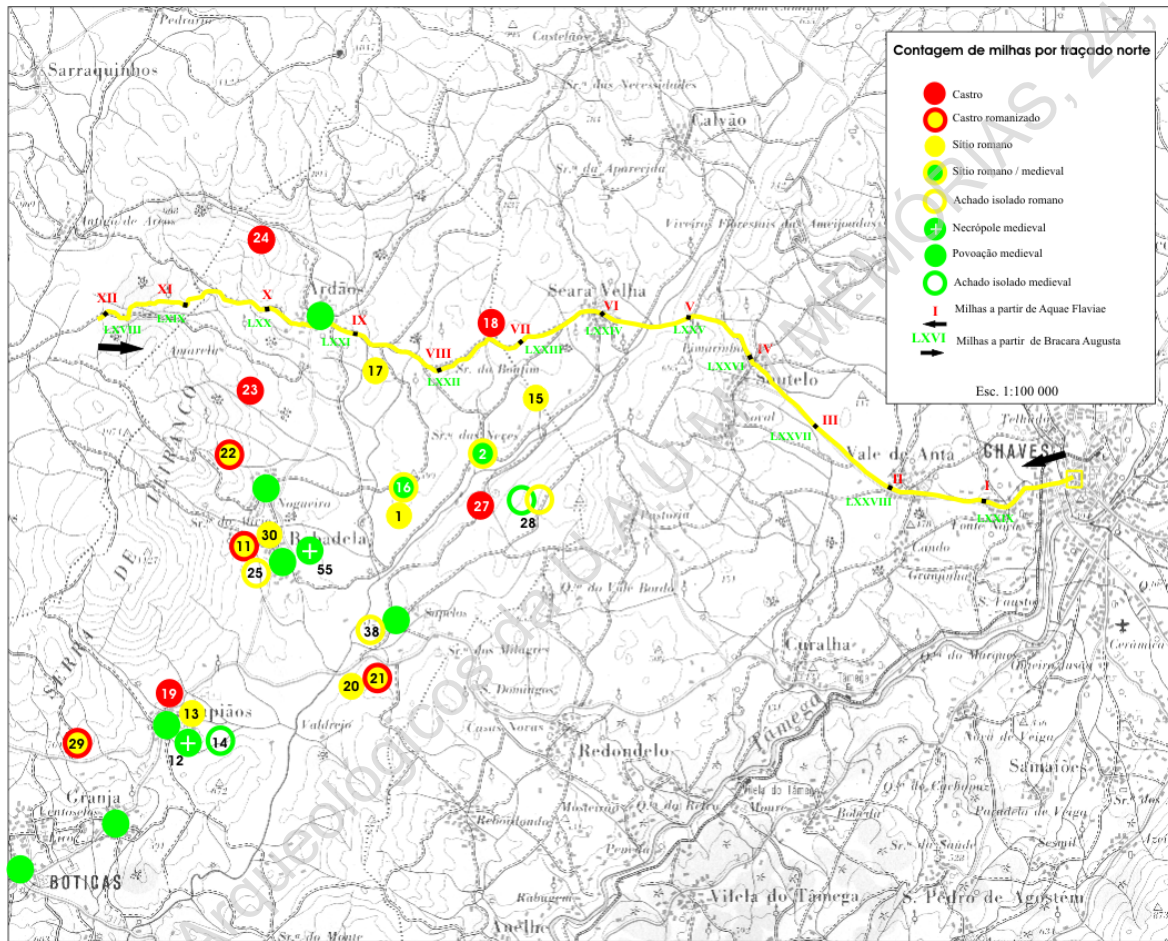
O traçado setentrional apresenta características construtivas concordantes com as exigências da viação romana ao longo de todo o percurso, apresentando-se como “caminho seguido” que se identifica sem dificuldade, mantendo sempre uma largura aproximada de 4 metros. Desenvolve-se por terrenos bem drenados, vence alguns declives com facilidade e passa nas proximidades do maior povoado romano da zona (sítio 15 – Alto da Ribeira ou Susana). Atravessa a Ribeira do Calvão a nascente de Seara Velha, em zona fácil de vadear.

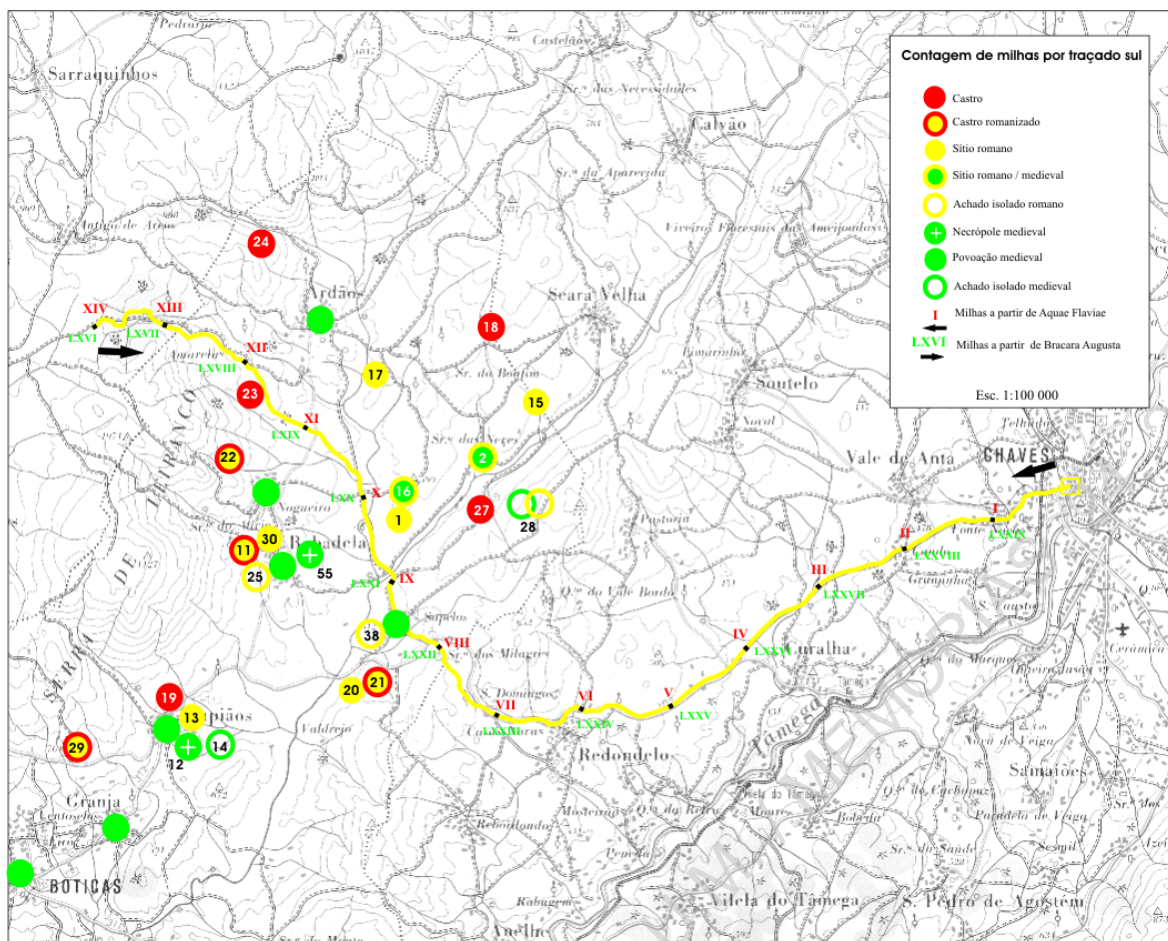
O traçado meridional apresenta características construtivas menos homogéneas, designadamente alguns troços mais estreitos. O seu percurso nem sempre se identifica com clareza, apresentando-se mais como “sucessão de caminhos” que atravessam o vale pouco a norte da confluência das Ribeiras do Videiro e do Calvão, cujas passagens já exigem ponte ou pontilhão. Passa nas proximidades de um pequeno ‘povoado mineiro’ (sítio 1 – Carregal) e de um povoado proto-histórico romanizado (sítio 21 – Castro de Sapelos).

Com base nos vestígios de ocupação romana conhecidos a nascente da Serra da Pastoria, amplamente referenciados na bibliografia, completamos os traçados até à cidade de Chaves e efectuamos as medições, projectando a localização das respectivas milhas, a contar desde *Bracara Augusta* e desde *Aquae Flaviae*. Consideramos a milha com o valor base de 1480 metros, correspondente à milha romana de 5.000 pés = 1.481 metros e aceitamos como distância entre *Bracara* e *Aquae Flaviae* as 80 milhas registadas no “Itinerário de Antonino” (Roldán Hervás 1975).

Para além de se constatar que o traçado setentrional servia um mais significativo conjunto de sítios e achados arqueológicos de época romana, alguns

deles inequivocamente correlacionados com a passagem de uma via, como sejam a inscrição viária de Pipa e as referências a miliários em Noval e Vale da Pala (Teixeira 1996, 27-299), demonstrou-se que o traçado setentrional, por Seara Velha, é mais curto cerca de 3 km = 2 milhas, do que o traçado meridional.





Evidenciou-se, também, que a generalidade dos miliários referenciados se encontram deslocados do seu local de origem, coincidindo o seu local de achado / recolha com delimitações territoriais medievais e modernas de freguesias e de concelhos, como acontece com os miliários dados como procedentes da portela do Pindo, na divisória entre Arcos (Montalegre) e Ardãos (Boticas) e o miliário da Pastoria, recolhido nas proximidades de Padrão, na cumeada por onde divide Soutelo e Redondelo (Chaves) com Ardãos e Sapiãos (Boticas).

A projecção das milhas sobre as duas hipóteses de traçado permitiu ainda evidenciar, no traçado setentrional, a coincidência com a portela da Serra do Ferro da milha V desde Chaves, o que permite colocar a hipótese de o acima referido miliário da Pastoria, de Trajano, que marca precisamente a milha V a contar de *Aquae Flaviae*, ser proveniente daí, corroborando as referências setecentistas a

miliários (‘marcos’ ou ‘padrões’) nas proximidades desta passagem (vide acima Noval e Vale da Pala).

O único miliário documentado como sendo proveniente do concelho de Boticas, encontrado na zona do Lapavale (achado 28), foi reaproveitado como sarcófago medieval – é por isso conhecido como a “pedra do caixão”. De acordo com o conhecimento público, antes de ser recolhido já tinha estado noutro local, junto à margem da ribeira do Calvão. Esta utilização secundária como artefacto funerário e a sua deslocação frequente, a par do facto de indicar um número de milhas discordante com as distâncias que se medem sobre qualquer dos traçados, retira-lhe qualquer valor probatório relativamente à passagem da via pela zona de achado.

Refira-se finalmente que as principais povoações actualmente existentes deverão remontar aos séculos iniciais da Idade Média, na sequência da acção organizadora do conde Odoário, que controlou Chaves a partir de 872, “repovoando” então o seu termo (Barroca 1999).

Efectivamente, nas Inquirições de 1258 documenta-se um povoamento já consolidado, nomeando-se aí as aldeias de Ardãos, Bobadela e Sapiãos, ligadas entre si por uma bem estruturada rede local de caminhos – as *viam*.

Dados Documentais

Para este trabalho consultamos as Inquirições de 1258, elaboradas por ordem do rei Afonso III e as “Memórias Paroquiais”, correspondentes ao Dicionário Geográfico do Reino de Portugal organizado pelo Padre Luis Cardoso, dando cumprimento ao Inquérito Nacional ordenado pelo rei José I em 1758.

No que concerne às Inquirições, documenta-se um povoamento intenso e perfeitamente estruturado do território, então integrado nos Julgados de Barroso e de Chaves. Uma nova rede viária regional parece estruturar-se nesta época, ligando-se Chaves ao Minho pelos eixos preferenciais de Alturas do Barroso - Ruivães e de Salto – Rossas, em detrimento da antiga ligação pela zona de Montalegre, provavelmente por ainda não estar bem estabelecida a apropriação deste espaço por parte da coroa portuguesa, como parece denunciar a tardia construção do castelo de Montalegre, já no século XIV.

Para o espaço que nos interessa, a bacia inicial do rio Terva, não se identificou qualquer referência directa à passagem de uma via antiga ou carreteira, nomeando-se apenas algumas vias locais interligando as respectivas povoações:

(INQ 1258, pp. 1523-24) “*Item, in collatione Sancte Christine de Cervos (...) (Item, dixit quod in) Cervos est alia defen(sa de cone)lio, quomodo partit de via de Bo(vadela usque) ad viam de Zapiaos, et (de via de Ar)cos usque ad viam de Bova(dela, et quicum)que ibi intraverit absque (mandato, pe)ctabit j. modium.(...)”*.

(INQ 1258, pp. 1526) “*(...) Item, Abovadela et (Ardaos) sunt in termino Por(tugaliae) et nullum de eis faciunt (forum) Domini Regi.(...)”*.

(INQ 1258, pp. 1527) “*Item, in Villa de Chavis cum suo termino quod ad ipsam villam pertinet. (...) de partir terminum inter Chavias (sic) et Sautelum per istud terminum, scilicet, per soverarium de Portu de Calvom, deinde quomodo vadit ad sumitatem de Groviis, deinde ad viam que venit de Sautelo directe, deinde vertendo aquam ad duas soverarias, deind ad caput de Soveroso per quam dividit cum Curaliam (sic).(...)”*.

Relativamente às “Memórias Paroquiais”, recolhe-se informação detalhada sobre o povoamento, limites territoriais e rede de comunicações, destacando-se especialmente as menções a ruínas de povoados antigos, a mineração e à passagem da “estrada” que ligava Chaves a Braga e ao Minho:

Ardãos

“Há nos lemites desta freguezia quatro licerces de muros; que dizem ser antigamente fortalezas das Romanos; hum se chama o muro da Murada, outro o muro da Malho, outro muro de Cunhas, outro o muro da Ribeira. Há também humas concavidades quesão em dois sítios, hum se chama as Batocas, e o outro as Freitas, que dizem serem antigamente minas dos Mouros e não me consta que nellas se tenha achado ouro, nem prata, nem que para isso se fizesse deligencia. Há nestas concavidades humas lagoas de agoa que nunca secão, e tem pouca correnteza para fora em laçar agoa comum.” (Capela e Borrageiro 2001, 147).

“ Tem huma ponte de tres arcos entre Sapellos e Sapiais, que hé estrada de Braga para Chaves, ou de Chaves para Braga, por se não poder passar a vao em inchentes.” (Capella e Borrageiro 2001, 149).

Beça

“ (...) e neste lugar da Bessa (...) huma ponte de cantaria lavrada com quatro arcos de bastante altura, chamada a Ponte Pedrinha; por honde passa a estrada de Chaves para Braga, (...).” (Capella e Borrageiro 2001, 161).

“ (...) Dentro deste semicírculo meio quarto de légoa para o nacente está o lugar de Carvalhelhos desta freguezia. (...) e por este lugar passa a estrada que vai de Chaves para Braga, que atras decemos que passava o rio Bessa na ponte Pedrinha.(...).” (Capella e Borrageiro 2001, 162-163).

Bobadela

“ Só tem a ponte de Pedrinha de cantaria no termo deste lugar de Bobadella.” (Capella e Borrageiro 2001, 170).

“ Perto da corrente deste rio [chamado Terva], no termo do lugar de Nogueira desta freguezia, onde se chamam as Freitas há huã lagua e (catas) ao pé della, que

dizem forão minas que os Romanos tirarão dellas ouro ou prata. (...)” (Capella e Borrageiro 2001, 170).

Boticas (Eiró)

“ *Em todo este rio [Terva] nam há mais que huma ponte de cantaria que fica no distrito do lugar de Sapellos freguezia de Sam Pedro de Sapiaos, chamada a ponte Pedrinha (...)*.” (Capella e Borrageiro 2001, 177).

Granja

“ Acham-se no tal regato hum pontilham dito de pedra e outra de cantaria que está esta na estrada que do Porto Vianna e praças do Minho vai para Chaves ambas no destrito de Sapellos freguezia de S. Pedro de Sapiãos. Tem mais outra ponte de pao e pedra bruta no sítio a que chamam Requeixo freguezia do Salvador do Eiró.” (Capella et all. 2001, 228).

Sapiãos

“ (...) corre do nascente para o poente hum rio, que principia na freguesia de Santa Maria de Calvam, desta comarca de Chaves, e se chama rio Terva. Nam corre caudaloso, por ser terra plana e piqueno, que no Estio quasi de todo seca, e se vai sepultar no rio Tâmega por baixo de Mosteiram, freguesia de Santa Maria de Curros. Há no dito rio huma ponte de pedra cantaria na estrada pública que vem da província do Minho para a praça de Chaves, desta província de Trás os Montes a qual ponte fica entre Sapiaes e Sapellos, lugares de que se compoem esta freguesia de Sapiaes.” (Capella et all. 2001, 235).

Da leitura dos extractos acima transcritos constata-se que, em meados do século XVIII, a principal via de comunicação entre Chaves e Braga seguia uma

ligação meridional por Sapelos, Sapiãos, Eiró (Boticas) e Beça e daí com variantes por Alturas e por Salto. Cruzava o rio Terva numa ponte de cantaria entre Sapelos e Sapiãos e o rio Beça noutra ponte de cantaria, esta de maiores dimensões, nas proximidades de Carvalhelhos.

Trata-se de um eixo viário que, podendo ter uma origem mais recuada, adquire maior importância e se converte em principal no decurso da Idade Média, como evidencia a Ponte Pedrinha de Carvalhelhos, uma sólida construção de cantaria granítica, de característica traça românico-gótica.

Dados orais

As informações orais foram obtidas de conversas casuais com indivíduos adultos, maioritariamente idosos, do sexo masculino e feminino, habitantes das localidades próximas dos troços de vias antigas e dos sítios arqueológicos relacionados com estes.

Efectivamente, as primeiras referências que obtivemos foram da população mais idosa da aldeia de Ardãos, que se referiu ao caminho de Pindo-Ardãos-Seara Velha como sendo o “caminho velho que ligava a Chaves”. Um pastor de Seara Velha, interrogado no caminho denominado de Fragão do Fogo, perto do limite concelhio, confirmou que este “era o caminho antigo que ia para Chaves”.

Em Bobadela, o Sr. Francisco Hilário referiu como caminhos antigos dois troços lajeados que estabeleciam a ligação vicinal entre Bobadela e Arcos. Relativamente a uma possível ligação de Chaves, informou que o caminho que a população de Bobadela utilizava para Chaves passava pela ribeira do Calvão.

Esclareceu também que o miliário referido como “pedra do caixão” (sítio 28), servia para depósito de cadáveres, pois “antigamente não se podiam enterrar pessoas em Bobadela” e antes de estar no local onde foi recolhido pelo pessoal do Museu da Região Flaviense estava “junto à ribeira”.

Em Sapelos, alguns moradores informaram que o caminho antigo para Chaves passava pela zona do campo de futebol e atravessava a ribeira por um pontão com lajes junto do Nicho, um troço que agora está asfaltado. Informaram também que haveria um caminho que vinha da ribeira do Calvão, por Sapelos, à senhora dos Milagres, sendo que os de Montalegre usavam o primeiro para não passarem no centro de Sapelos.

Já perto da Sra. dos Milagres, face à existência de dois caminhos, um asfaltado e outro em terra batida, foi-nos referido pela população que o traçado antigo corresponde ao traçado da via asfaltada, relacionando-se o caminho térreo com arranjos em torno da capela.

Dados Historiográficos

Dos inúmeros estudos sobre o traçado da via romana Braga - Chaves, entendemos seleccionar para confronto com a nossa análise apenas 6, cuja leitura crítica apresentamos a seguir:

ARGOTE, Frei Jerónimo Contador d'(1734), – *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense*, Tomo Segundo, Lisboa.

Trata-se do primeiro trabalho sistemático sobre a matéria, que serviu de fonte a todos os restantes estudos, aí se referenciando pela primeira vez muitos dos miliários que marcavam a via ao longo do seu traçado.

O autor refere-se ao assunto em vários pontos da sua obra, composta por vários volumes publicados entre 1732 e 1747, mas é no volume II (Tomo Segundo), publicado em 1734, que aborda o tema mais detalhadamente, entre as páginas 570 e 610.

Depois de referir a existência de miliários, de compulsar as fontes antigas, diversos estudos contemporâneos e informação epistolar, especialmente de Álvares de Figueiredo (o célebre Bispo de Uranopolis), Jerónimo Contador de Argote aceita a existência de dois traçados para a via Braga / Chaves, um mais antigo (Imperador Augusto) e outro mais recente (Imperador Vespasiano), que se dividiriam na zona de Ruivães / Venda Nova, referindo explicitamente ser «opinião de uma pessoa inteligente, que por ordem, e à custa do ilustríssimo Bispo de Uranopolis, observou com cuidado a sobredita estrada» (pp.586-588).

Admite que o segundo traçado possa corresponder a uma variante, com um percurso meridional que servia a zona de Salto e das Alturas e atravessava as bacias do Beça e do Terva em Carvalhelhos e Sapiãos, mas não o considera como via principal, especialmente pela ausência de qualquer miliário associado.

Adopta como principal o primeiro traçado, de percurso setentrional, que faz passar pelo vale do Rabagão, atravessado na zona de Codeçoso do Arco, onde situa *Praesidium*, dirigindo-se depois por São Vicente da Chã para Norte, em direcção a Solveira, nas proximidades da qual localiza *Caladunum*, ligando daqui a Chaves por um percurso que inflecte para nascente por Soutelinho e Castelãos, descendo depois por Seara Velha, Pastoria e Vale de Anta, até Chaves.

Para a definição deste percurso, Argote valorizou especialmente os vestígios do grande povoado romano de Ciada ou Asseada, em Gralhas (Montalegre), que fez corresponder à *mansio Caladunum*, considerando que a via deveria passar aí (pp.584-585). É uma proposta aceitável para a época e que se compreende pelo desconhecimento dos miliários de Arcos e do Pindo. Mas esta opção obrigou a estabelecer uma ligação mais longa e topograficamente menos recomendável com a zona da Pastoria e Vale de Anta, traçado que veio a ser posto em causa com o achado dos referidos miliários de Arcos e Pindo.

BARRADAS A. Lerenó (1956) – Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança, *Revista de Guimarães*, 66 (1-2), Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp.159-241.

Em 1956, Lerenó Barradas publica um estudo sobre o traçado da via romana Braga – Chaves que, para além de algumas pequenas incorrecções e erros, ainda hoje permanece válido. Mais do que qualquer outro investigador, Lerenó Barradas teve por base a recolha exaustiva de dados arqueológicos relativos à ocupação romana e um razoável conhecimento do terreno. Se, porventura, tivesse recolhido dados que lhe permitissem propor um traçado diferente, não deixaria de o fazer.

Seguindo Argote, Lerenó Barradas admite a existência de dois traçados, um principal que segue pela margem direita do Rabagão, cruzado em Codeçoso do Arco, que considera mais recente, e uma variante meridional, mais antiga, que sobe da Venda Nova para Alturas e daí para Esculca e Boticas, fazendo-a passar depois entre o Poço das Freitas e Sapelos, subindo a Serra da Pastoria e depois por Curalha, até Chaves (pp.190-196). Esta parte final do traçado é manifestamente determinada pela aceitação acrítica do local de achado dos miliários da “pedra do caixão” em Lapavale e do Padrão na Pastoria.

Considera que o traçado setentrional é o referido no “Itinerário de Antonino” (p.194), fazendo-o passar em Arcos e Pindo, com base nos miliários aí

encontrados, seguindo depois por Ardãos e Seara Velha e por Soutelo e Vale de Anta, até Chaves.

Com base na contagem das milhas propõe, pela primeira vez, que *Caladunum* se localize entre Cervos e Arcos, nas proximidades do topónimo Vigia (p.200).

MONTALVÃO, António (1971b) – *Notas sobre vias romanas em terras flavienses*, Chaves.

Sem grandes elucubrações, António Montalvão discorre com propriedade sobre os possíveis traçados da viação romana de ligação ente *Bracara Augusta* e *Aquae Flaviae*, utilizando com sabedoria os dados arqueológicos disponíveis, como se depreende das suas dúvidas relativamente à localização original dos miliários (p.25).

Concorda com o traçado principal por Seara Velha, Ardãos, Pindo e Arcos, mas aceita também a existência de uma variante meridional por Boticas e Alturas de Barroso.

O seu maior contributo advém, contudo, das preciosas informações orais que recolheu nos seus reconhecimentos pedonais dos troços mais importantes, valorizando adequadamente as memórias da população relativas ao trânsito de pessoas e mercadorias na “estrada velha”.

BAPTSTA, José Dias (1990) – *Via Prima (A Via Imperial Romana de Braga/Astorga)*. I. *Bracara Augusta – Aquae Flaviae*, *AQUAE FLAVIAE*, 3, Câmara Municipal de Chaves, Chaves, pp.135-182.

Na esteira de Lerenó Barradas, Dias Baptista ensaia um estudo detalhado do traçado da via romana entre Braga e Chaves, fazendo uma revisão crítica da bibliografia. Assenta a sua análise e proposta de traçado no conhecimento profundo do terreno, na referenciação correcta dos vestígios arqueológicos e no registo das distâncias constantes do “Itinerário de Antonino”.

Refuta a existência de uma qualquer variante meridional por Alturas de Barroso (pp.145-149), estabelecendo como único o traçado setentrional, por Vila da Ponte, São Vicente da Chã, Arcos, Ardãos, Seara Velha, Soutelo e Chaves.

Fundamentando-se no achado de miliários no Pindo e em Arcos (p.166), descreve com pormenor a passagem pelas Lages do Pindo (p.177) em direcção à povoação de Ardãos e daqui a Seara Velha pelo Senhor dos Aflitos (sic) [Senhor do Bonfim], passando depois pela portela, onde está a capela da Senhora de Fátima, em direcção a Soutelo, Vale de Anta e Chaves (pp.179-180). Converte correctamente as distâncias miliárias do “Itinerário”, com base nas quais estabelece que *Caladunum* se localizará em Arcos (Montalegre).

TEIXEIRA, Ricardo Jorge Coelho Marques Abrantes (1996) - *De ‘Aquae Flaviae’ a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*, (dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Porto.

Em trabalho recente, Ricardo Teixeira deu um contributo significativo, pela quantidade de dados aportados e pela qualidade da interpretação produzida, para a fixação dos traçados das principais vias em torno de Chaves.

Na parte que interessa a Boticas, identificou bem todos os vestígios de romanização que se articulavam com os testemunhos viários de Montalegre e de Chaves, estabelecendo como traçado da via *Bracara - Asturica* a ligação desde o planalto de Arcos / Pindo até Chaves, por Ardãos, Seara Velha e Soutelo. Não considerou fundada a existência de uma variante meridional, por Alturas do Barroso.

Valorizou igualmente o conjunto de vestígios dispersos pela bacia inicial do rio Terva, admitindo que se pudesse ter desenvolvido, em época posterior, uma variante à via principal, ligando as frentes de lavra mineira a Chaves pela portela de Sapelos / Senhora dos Milagres.

RODRÍGUEZ COLMENERO et alii (2004): Antonio Rodríguez Colmenero, Santiago Ferrer e Rubén D. Álvarez Asorey - *Miliários e Outras Inscricións Viarias Romanas do Noroeste Hispânico (Conventos Bracarense, Lucense e Asturicense)*, Consello da Cultura Galega (Seccion de Património Histórico); Santiago de Compostela; pp. 105-210

Os autores ensaiam a identificação da rede viária principal de época romana no Noroeste Peninsular, a partir da constituição de um ‘corpus’ de todos os testemunhos epigráficos referenciados na bibliografia e de achados inéditos. Na parte relativa a Portugal, o inventário comporta algumas falhas de referenciação e de localização geográfica, comuns a trabalhos desta dimensão mas facilmente corrigidos pelos investigadores portugueses.

Relativamente ao traçado da via *Bracara Asturicam* por *Aquae Flaviae*, no actual território de Boticas, os autores propõem, na esteira de Ricardo Teixeira, duas variantes, ambas a partir da Portela do Pindo: uma variante setentrional, por Ardãos, Seara Velha e Soutelo, genericamente coincidente com o traçado estabelecido por Lerenó Barradas (1956), José Baptista (1990) e Ricardo Teixeira (1996), diferindo destes por descer do Pindo pela margem direita da ribeira até à Malhó, inflectindo aqui para Ardãos, ignorando os mais significativos vestígios da margem esquerda, pela Fraga do Lobo; e uma variante meridional, que prossegue da Malhó ao Poço das Freitas e sobe à portela de Sapelos, continuando por Redonelo.

Esta proposta de variante meridional atravessando a bacia do rio Terva pela zona do Poço das Freitas, é justificada pelos autores com a presença dos miliários de Lapavale, Pastoria e Vale de Anta, que vinculam a este traçado com base em padrões de medida aleatórios e ignorando o seu achado fora do contexto original.

Se a existência de uma ligação secundária da bacia mineira de Bobadela a *Aquae Flaviae* não oferece hoje qualquer dúvida, especialmente após o estudo de

Ricardo Teixeira, já a fundamentação invocada por Rodríguez Colmenero *et alii* suscita as maiores reservas, por assentar na consideração errónea de que os miliários estão *in situ* e numa inaceitável proposta de medição recorrendo a um valor variável da milha.

Aliás, com base nessa medição aleatória das milhas, propõem que *Caladunum* se localizaria em Pindo.

Dos resumos acima apresentados, releva a identificação e a aceitação generalizada da existência de um traçado principal, aquele que aparece pontuado por miliários, que se desenvolve pela margem direita do rio Rabagão.

A maior parte dos autores reconhece igualmente que haveria uma rede viária mais complexa, admitindo a existência de uma variante meridional ao traçado principal, pela margem esquerda do rio Rabagão.

Relativamente à localização das *mansione*, as divergências são maiores, não se verificando uma prevalência de qualquer proposta de localização em relação a outra, localizando-se *Praesidium* entre Vila da Ponte e Codeçoso do Arco e *Caladunum* entre Cervos e Pindo.

Enfim, todos os outros trabalhos publicados repetem, de forma mais ou menos desenvolvida, os estudos acima citados. Alguns outros propõem variantes pontuais de traçado, sem qualquer base documental, arqueológica ou topográfica.

4. Proposta de traçado

Com base nos dados arqueológicos, documentais, orais e historiográficos acima expostos, consideramos que o traçado da principal via romana Braga – Chaves no território do actual concelho de Boticas, correspondente à via *Bracara Asturicam* (por *Aquae Flaviae*), se desenvolvia pela bordadura Norte da bacia inicial do rio Terva (cabeceiras das ribeiras do Videiro e do Calvão), cruzando apenas a freguesia de Ardãos, ligando o Pindo (Montalegre) a Seara Velha (Chaves).

Esta ligação viária serve povoados romanos importantes, é a que apresenta um traçado topograficamente mais equilibrado e de menor extensão e conserva-se materializado em troços continuados de via antiga, que permitem restituir o traçado integral, tendo indirectamente associados, pelo menos, seis miliários, (3 recolhidos em Arcos/Pindo, 1 em Ardãos, 1 na Pastoria e 1 em Vale de Anta – Baptista 1990; Teixeira 1996; Rodríguez Colmenero *et alii* 2004).

A sua passagem pela portela do Pindo não suscita quaisquer dúvidas, pois é o local de mais fácil transposição da Serra do Leiranco. Para aí conduzem os vestígios materiais da via antiga que vem de Arcos, numa orientação reforçada pelo achado de diversos miliários nessa zona.

Também a passagem pela portela do Ferro, a nascente de Seara Velha, se evidencia como incontornável, pois aí se passa mais facilmente a Serra da Pastoria (ou relevo Elhos – Facho). As referências próximas, em Soutelo, a uma via antiga, a provável existência de miliários e a importante inscrição viária de Pipa, convergem para estabelecer a passagem da via por este traçado (Teixeira 1996, 135-137).

Feitas estas considerações, passamos a descrever detalhadamente o traçado que entendemos corresponder à via romana que ligava *Bracara Augusta* a *Aquae Flaviae*:

A partir da portela do Pindo, identifica-se bem a plataforma larga do caminho, com evidentes marcas de rodados, descendo pela margem esquerda da ribeira, acompanhando aproximadamente o traçado do estradão florestal em terra batida que liga o Pindo à aldeia de Ardãos. Um pouco por todo o percurso, de ambos os lados alternadamente, identificam-se longos sulcos rasgados nas superfícies rochosas, resultantes da do desgaste provocado pelos rodados de veículos de tracção animal.

Ao chegar a um pequeno promontório conhecido como Fraga do Fogo, o traçado da via desvia-se um pouco para Sul do estradão, sendo aqui particularmente visível o desgaste nos afloramentos, com múltiplos sulcos. Situa-se também neste ponto um troço bem conservado de via lajeada. O traçado entronca no estradão, muito próximo da aldeia de Ardãos seguindo na sua direcção. Atravessa o centro da aldeia e a partir da praça principal de Ardãos prossegue sob a estrada 527, até à zona cujo topónimo é Sangrinheira.

Continua aqui, a Norte da estrada alcatroada, por um caminho inicialmente em terra batida e depois com um troço pavimentado com lajes graníticas, com escassas marcas de desgaste. Junto à capela do Senhor do Bonfim, o caminho carreteiro entronca novamente na estrada 527. Adiante do Senhor do Bonfim, o traçado desvia-se novamente da estrada 527, prosseguindo por um caminho em terra batida, em direcção a uns pequenos promontórios escarpados na zona conhecida por Fragão do Fôjo. No sopé da vertente destes pequenos promontórios, ainda se conserva um extenso troço de via pavimentada com lajes, que se prolonga até entrar no território do concelho de Chaves.

5. Conclusões e recomendações

Com base na análise dos dados arqueológicos, documentais, orais e historiográficos, estabeleceu-se que o traçado de via antiga subsistente entre Pindo, Ardãos, Senhor do Bonfim e Seara Velha, corresponde aos vestígios da via romana que ligava Braga a Chaves – a via *Bracara Asturicom*, por *Aquae Flaviae*.

A antiguidade da via é atestada pela presença de um miliário datável da época de Augusto (27 a.C. – 14 d.C.), reaproveitado como sarcófago na Idade Média. A sua importância transparece do facto de ter sido objecto de manutenção constante, como evidenciam os miliários de diversos imperadores, de Tibério (32 – 33) a Adriano (136 – 137).

Os troços conservados, alguns de grande extensão, justificam o desenvolvimento de projectos de estudo e a elaboração de uma proposta de valorização. Nesta perspectiva, recomenda-se:

a) Limpeza do troços conservados, com remoção de depósitos acumulados sobre a via, corte da vegetação arbustiva, reposição de lajes do pavimento e remontagem de muros laterais. Se possível, a limpeza deverá abranger um corredor de 10 metros, contando 5 metros para cada lado a partir do eixo da via.

b) Os vestígios arqueológicos e arquitectónicos conexos à via devem também ser objecto de atenção, devendo ponderar-se a sua classificação conjunta.

c) A classificação do traçado da via romana deverá ser proposta, de preferência, em parceria com as câmaras de Chaves, Montalegre, Vieira do Minho, Póvoa de Lanhoso e Braga.

Boticas e Braga, Abril de 2005

Luís Fernando de Oliveira Fontes

Francisco José Silva de Andrade

6. Referências Bibliográficas

ALARCÃO 1988

Jorge de Alarcão – *Roman Portugal*; II, Warminster, 1988.

ALARCÃO 2004

Jorge de Alarcão – Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia; *REVISTA PORTUGUESA DE ARQUEOLOGIA*, 7, Instituto Português de Arqueologia; Lisboa, 2004, pp. 193-216.

AMARAL 1993

Paulo Amaral – *O povoamento romano no vale superior do Tâmega*, Porto, (Tese de mestrado, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras do Porto), 1993.

ARGOTE 1732-1747

Frei Jerónimo Contador d' Argote - *Memórias para a história ecclesiástica do Arcebispado de Braga*; 4 vols., Lisboa, 1732-1747.

AZEVEDO 1896

Pedro A. de Azevedo - Extractos arqueológicos das “Memórias Paroquiais de 1758”, *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS*, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia; II (10-11), Lisboa, 1896, pp. 257.

AZEVEDO 1899-1900

Pedro A. de Azevedo - Extractos arqueológico das “Memórias Paroquiais de 1758”, *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS*, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, V (9-10), Lisboa, 1899-1900, pp. 135-182.

BAPTISTA 1990

José Dias Baptista - Via Prima (A Via Imperial Romana de Braga/ Astorga), *Aquae Flaviae*, 3, Chaves.

BARRADAS 1956

A. Lerenó Barradas - Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança, *REVISTA DE GUIMARÃES*, 66 (1-2), Guimarães, 1956, pp. 159-241.

BARROCA 1999

Mário Jorge Barroca – Fortificações e Povoamento no Norte de Portugal (Séc. I a XI), *Poblamiento Rural en el Norte de la Peninsula Ibérica (Ss. V-X). Continuidades, rupturas, transformaciones*, Casa de Velazquez, Madrid, 1999.

CAPELLA 1987

Martins Capella - *Miliários do Conventus Bracaragustanos em Portugal*, (ed. Fac-símile da edição de 1895, com introdução de José Viriato Capella), Câmara Municipal de Terras de Bouro, Terras de Bouro, 1987.

CAPELA e BORRAGEIRO 2001

José Viriato Capela e Rogério Borrageiro - *Boticas nas Memórias Paroquiais de 1758*, Edição da Câmara Municipal de Boticas, Boticas, 2001.

CARDOZO 1956

Mário Cardozo - A propósito da lavra de ouro na província de Trás-os-Montes, durante a época romana, *REVISTA DE GUIMARÃES*, Sociedade Martins Sarmiento, 70 (1-2), Guimarães, 1956, pp.113-141.

CENTENO 1987

Rui M. S. Centeno - *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, Porto, 1987.

CIL= HUBNER 1869

COSTA 1968

João Gonçalves da Costa - *Montalegre e Terras do Barroso*, Montalegre, 1968.

DIAS 1903

Eduardo Rocha Dias, *Notícias Archeológicas extraídas do “Portugal Antigo e Moderno” de Pinho Leal, com algumas Notas e indicações bibliográficas*, Typogrfia Lallement; Lisboa, 1903.

FIGUEIREDO 1892

A. Mesquita de Figueiredo - Informações Arqueológicas colhidas no “Dicionário Geográfico” de Cardozo, *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS*, Museu nacional de Arqueologia e Etnologia, II (6-7), Lisboa, 1892, pp. 162-165.

FONTES 1978

Padre António Lourenço - *Comemorações do Milenário de S. Rosendo*, Montalegre, 1978, pp. 13-33.

FONTES 1992

Luís Fernando de Oliveira Fontes - *Inventário dos Sítios e Achados Arqueológicos do Concelho de Boticas* (Policopiado), Braga, 1992.

FREITAS 1890

Bernardino José de Senna Freitas - *Memorias de Braga ...*, Tomo I, Braga, 1890.

GARCIA 1988 - 1991

José Manuel Garcia - *Religiões Antigas de Portugal, aditamentos e observações às religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcellos*, 4 vols, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1988 – 1991, pp. 408/549.

GUERRA 1982

Luís de Figueiredo da Guerra - *Notícias históricas do concelho e vila de Boticas*, (recolha, organização e notas de José Pacheco Pereira), Câmara Municipal de Boticas, Boticas, 1982.

HUBNER 1869

E. Hubner - *Corpus Inscriptonum Latinarum*, II, Berlim (1892- suplemento) (= CIL)

INQ. 1258

Portugaliae Monumenta Histórica, Inquisitiones, I e II Academia das Ciências, Lisboa, 1888.

JÚNIOR 1982

Joaquim R. dos Santos Júnior - *30ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos- Agosto de 1981*; TAE; Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 24(2), Porto, 1982, pp. 249-264.

JÚNIOR et alii 1983

Avelino Miranda Júnior; Joaquim Norberto dos Santos; Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior - Castros do concelho de Boticas, *TAE*, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 22 (3), Porto, 1983, pp. 401, 451

JÚNIOR et alii 1986

Avelino Miranda Júnior; Joaquim Norberto dos Santos; Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior - Castros do Concelho de Boticas- II.Campanhas de 1984-1985, *ANAI DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO*; Faculdade de Ciências do Porto, LXVI (1-4), Porto, 1986, pp. 401-451.

KALB 1980

Philine Kalb - Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *GERMANIA*, 58; 1980, pp.25-115.

LEMOS 2000

Francisco Manuel Salgueiro de Sande Lemos - A Via Romana entre Bracara Augusta e Asturica Augusta, por *Aquae Flaviae* (contributo para o seu estudo), *REVISTA DE GUIMARÃES*, Vol.110, Guimarães, 2000

MARTINS 1984a

J.B. Martins - *Levantamento arqueológico de Chaves, Boticas, Valpaços e Vila Pouca de Aguiar* (dactilografado), Chaves, 1984.

MARTINS 1984b

MARTINS, J. B. J.B. Martins – *Inventário dos sítios com interesse arqueológico do concelho de Chaves*, Chaves, 1984.

MONTALVÃO 1971a

António Montalvão - *Visita a Castros nos arredores de Chaves* (dactilografado), Chaves, 1971.

MONTALVÃO 1971b

António Montalvão - *Notas sobre vias romanas em terras flavienses*, Bragança, 1971.

PINA 1942

José Luís de Pina – MUSEU, *REVISTA DE GUIMARÃES*, Sociedade Martins Sarmento, 52 (3-4), Guimarães, 1942, pp.303.

PINHEIRO 1895

José Henriques Pinheiro - *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga em que são determinadas todas as estações da referida via*, Imprensa Civilização, Porto, 1895.

PONTE 1984

Salette da Ponte - Fíbulas de sítios a Norte do rio Douro, *LUCERNA*, 111-144.

REDENTOR 2000

Armando Redentor - Povoados fortificados com pedras fincadas em Trás-os-Montes, *CONINBRIGA*, Instituto de arqueologia FLUC, 39, Coimbra, 2000, pp.5-51.

REDENTOR 2003

Armando Redentor - Pedras fincadas em Trás-os-Montes (*Portugal*), *Chevaux-de-frise et fortificació en la premier edat del ferro europea*, GIP (Universitat de Lleida), Lleida, 2003, pp. 135-154.

RODRÍGUEZ COLMENERO 1987

A. Rodríguez Colmenero – *Aquae Flaviae, I Fontes Epigráficas*, Câmara Municipal de Chaves, Chaves, 1987

RODRÍGUEZ COLMENERO *et alii* 2004

Rodríguez Colmenero; Santiago Ferrer; Ruben D. Alvarez Assorey - *Miliários e outras inscrições Viárias Romanas do Noroeste Hispânico (Conventos Bracarense Lucense e Asturicense)*, Consello da Cultura Galega (Sección de Patrimonio Histórico), Santiago de Compostela, 2004, pp. 105-210.

ROLDAN HERVÁS 1975

José Manuel Roldán Hervás - Itinerária Hispânia, *Fuentes Antiguas de las Vías Romanas en la península Ibérica*; Departamento de Historia Antigua- Universidad de Valladolid, Departamento de Historia Antigua- Universidad de Granada, Madrid, 1975.

SANTOS 1969

Maria Cristina Santos - Subsídios para o estudo arqueológico de Montalegre, Mealhada e Viseu, *ETHNOS*, 6, Lisboa, 1969, pp. 201-218.

SILVA 1986

Armando Coelho Ferreira da Silva - *Cultura Castreja*, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Paços de Ferreira, pp. 89-90.

SILVA e CENTENO 2000

Armando Coelho Ferreira da Silva e Rui M. S. Centeno (coord.) - *Catálogo do Museu Rural de Boticas*, Câmara Municipal de Boticas, Boticas, 2000.

TEIXEIRA 1939

Carlos Teixeira - Varia: Molde de fundição para machados de bronze de duplo anel, *TAE*, Sociedade portuguesa de Antropologia e Etnologia, IX (1-2), Porto, pp.126.

TEIXEIRA 1996

Ricardo Jorge Coelho Marques Abrantes Teixeira - *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1996.

TRANOY

Alain Tranoy - *La Galice Romaine, Recherches sur le nor-ouest de la péninsule ibérique dans l' Antiquité*, Publications du centre Pierre Paris, Collection de la maison des Pays Ibériques, Difusion de Bocard, Paris, 1981.

VASCONCELLOS 1913

José Leite de Vasconcellos - *Religiões da Lusitânia*, 3, Lisboa, 1913.

Bibliografia não consultada, relativa aos sítios arqueológicos, referenciada nos inventários do IPA, de SILVA 1986, de SILVA e CENTENO 2000 e de ALARCÃO 2004.

CORTEZ 1949

Fernando Russel Cortez - *Novos materiais para o estudo da idade do bronze de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Régua, 1949.

DOMERGE 1987

Claude Domerge - *Catalogue de mines et fonderies antiques de la Península Iberique*, Difusion de Bocard, Madrid, 1987.

DOMERGE 1990

Claude Domerge - *Les Mines de La peninsule Ibérique dans l'antiquité Romaine*, École Française de Rome, Roma, 1990.

MARTINS 1984 b

J. B. Martins - *Inventário dos sítios com interesse arqueológico do concelho de Chaves*, Chaves, 1984.

MARTINS 1984 c

J. B. Martins - Ara votiva em Bobadela da Boticas, *NOTÍCIAS DE CHAVES*, Chaves, 1984.

MARTINS 1985

J. B. Martins – *Os castros do concelho de Chaves*, Câmara Municipal de Chaves, 1985, pp. 30.

MARTINS 1989

J. B. Martins – Concelho de Boticas. Zonas de interesse arqueológico, histórico e turístico, *NOTÍCIAS DE CHAVES*, Chaves, 25-08-1989, 1-9-1989.

QUEIROGA 1992

Francisco M. V. Reimão Queiroga - *War and Castros. New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age*, thesis for the Degree of Doctor; Oxford University, Oxford, 1992.

RODRÍGUEZ COLMENERO 1993

A. Rodríguez Colmenero - *Corpus- Catálogo de inscripciones rupestres de época romana del cuadrante noroeste de la Península Ibérica*, Ediciós do Castro, A Coruña, 1993.

RODRÍGUEZ COLMENERO *et alii* 1997

A. Rodríguez Colmenero; Firmino Aires; Enrique Alcorta - **Aquae Flaviae I, Fontes Epigráficas da Gallaecia meridional interior** (2ª Edição), Câmara Municipal de Chaves, Chaves, 1997.

SAMPAIO 1929

José Rodrigues Liberal Sampaio - *Castro de Nogueira de Barroso*, **ERA NOVA**, 1929.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 24, 2012

7. ANEXOS

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 24, 2012

7.1 Fotografias

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 24, 2012



Foto 1- Panorâmica do troço da via entre o Pindo e Ardãos (sítio 32)



Foto 2 – Pormenor de sulcos nos afloramentos graníticos provocados por rodados de veículos de tracção animal, entre Pindo e Fraga do Fogo (Sítio 32)



Foto 3- Pormenor de sulcos nos afloramentos graníticos provocados por rodados de veículos de tracção animal, junto à Fraga do Fogo (Sítio 32)



Foto 4 – Pormenor de troço lajeado junto à Fraga do Fogo



Foto 5 – Panorâmica sobre o traçado da via depois da aldeira de Ardãos (sob a EN527)



Foto 6 – Troço inicial da via em Sangrinheira, junto à estrada 527 (Sítio 33)



Foto 7 – Pormenor de troço lajeado de via em Sangrinheira (Sítio 33)



Foto 8 – Vista do troço de via junto à capela do Senhor do Bonfim



Foto 9 – Pormenor do troço de via na zona do Fragão do Fôjo (Sítio 34), junto a estrada 527



Foto 10 – Pormenor de troço lajeado de via no Fragão do Fôjo (sítio 34)



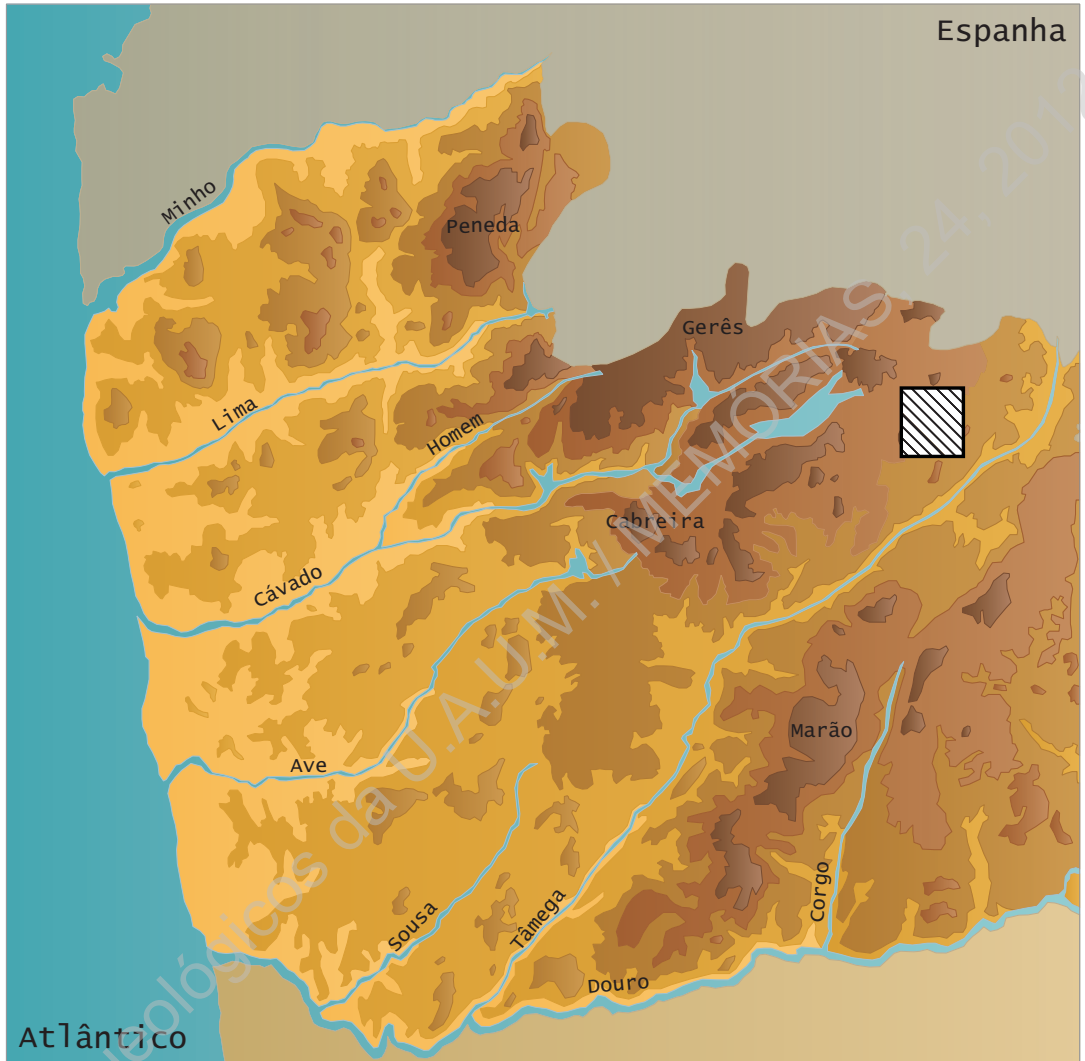
Foto 11 – Perspectiva do troço de via na zona do Fragão do Fôjo, junto ao limite concelhio



Foto 12: Miliário da “Pedra do caixão”, depositado no armazém do mercado municipal de Chaves

7.2 Figuras

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 24, 2012



Município de Boticas

Localização da área de estudo no Noroeste de Portugal


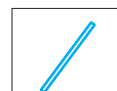
UAUM

2005

Fig. 1



Escala 1:10000

-  Traçado de vias
-  Limite Concelho

Município de Boticas

Proposta de restituição do traçado da via Bracara-Asturica por Aquae Flaviae

UAUM
2005
Fig. 3